

Isof quebra tabus com

Brasília, domingo, 28 de abril de 1991 **3**

orientação sexual

Carmen Cruz

O despertar da sexualidade pode ser um processo sereno e natural, mas os preconceitos, os mitos e os tabus o tem transformado em algo penoso e que, muitas vezes, leva os pais ao desespero. Aliado a isso, a desinformação faz com que situações simples como encontrar a filha fazendo xixi em pé, o filho se masturbando ou com tendências homossexuais e o primeiro namoro da filha pareçam uma tragédia. É que falar de educação sexual a crianças e adolescentes, quando o que se tem de informação ou veio de uma linha tradicional — técnica e científica — ou de outra totalmente permissiva — sem normas nem regras — é, no mínimo, complicado.

A compreensão da sexualidade humana, segundo a sexóloga Jerusa Figueirêdo Neto, diretora do Instituto de Ciências Sexológicas e Orientação Familiar — Isof, ainda é muito limitada. O Isof, que funciona há dois anos no Centro Clínico do Lago, no Lago Sul, atende pais e filhos em consultórios ou terapias, além de formar profissionais em educação

sexual. Ali, a sexualidade é compreendida de uma forma mais profunda, muito além do ato ou da prática sexual. A partir dos trabalhos realizados até agora, a equipe multidisciplinar do instituto tem percebido que pais e educadores se mostram despreparados diante dos filhos e dos alunos.

A família — O trabalho feito pelo Instituto de Sexologia tem a família como base da estrutura e organização social. Entre as suas atividades, ele presta orientação, informativa e formativa, relacionada com a problemática da família, realizando tratamentos terapêuticos também. O instituto trabalha com a família desde a parte psicológica até a formação educacional. “Temos uma equipe de terapia familiar e outra de terapia de casal” ressaltou a sexóloga.

Segundo ela, com a revolução sexual — que no Brasil se caracterizou pela presença do modelo permissivo de educação a partir dos anos 70 — a erotização da sociedade passou a ser explorada através dos meios de comunicação social, dentro de um consumismo sensacionalista, altamente

danoso. “Sem falar na pornografia, que é a manipulação do assunto sem qualquer estética”, ressaltou Jerusa. Por causa dessa erotização e por ver a sexualidade humana como fator importante para a integração completa do indivíduo, o Isof procura esclarecer a questão na sua totalidade.

Naturalidade — “A questão é séria enquanto dimensão humana e como tal deve ser tratada com naturalidade, como outra qualquer, nem pejorativa, nem científica, como uma dimensão importantíssima do ser humano”, acentua a diretora do Isof, que retornou ao Brasil — da Europa — em 1986 disposta a promover atividades que levem as pessoas a vivenciarem a sexualidade sem medos, sem tabus, mas com responsabilidade. Tudo isso dentro de uma linguagem simples, acessível a todos, da criança na primeira infância a pós-graduados em psicologia, educação e outras matérias.

Nos consultórios do Instituto de Sexologia um dos problemas que chegam com maior frequência é o homossexualismo. “Meu filho é homossexual ou não?”, perguntam os pais desesperados.